SCHOLASTIC METAPHYSICS
John F. McCormick, S,J.
Loiola University Press, 1940
Chicago - Illinois
MANUAL DE FILOSOFIA TOMISTA
Enrique Collin

CAPITULO TERCEIRO

Possibilidade, Ato e Potência

1) Sentido de possibilidade

Possibilidade é a capacidade de um ser não existente passar a existir. A escolástica distingue possibilidade extrínseca e intrínseca.

Possibilidade intrínseca, também chamada absoluta ou metafísica, existe quando não há nenhuma repugnância de existência entre os elementos constituintes de uma essência. O círculo quadrado, por exemplo, não tem possibilidade intrínseca porque seus elementos se repugnam.

Possibilidade extrínseca existe quando o ser encontra, fora de si, uma causa que o realize, que lhe dê existência. Por exemplo, é possível a um de nós fazer um avião, existe a possibilidade metafísica disto, mas não existe a possibilidade concreta, extrínseca, pois não somos causa suficientes para a construção de um avião. Outro exemplo seria a cura do câncer. É possível. Mas nas circunstâncias concretas, é para nós extrinsicamente impossível. Evidentemente a possibilidade extrínseca não se refere a Deus, porque se um ser é intrinsicamente possível, Deus sempre pode fazê-lo. Quando um ser é intrinsicamente possível, para Deus ele também é extrinsicamente possível. Para as criaturas, talvez não.

Da mesma forma, a impossibilidade pode ser extrínseca ou intrínseca. Intríns ca quando os elementos componentes de uma es - sência se repelem mutuamente. Extrínseca quando não se encontra uma causa que realize o ser.

2) A razão dos possíveis

Devemos estudar agora a razão última dos possíveis. Um ser possível atualmente é ideal (na mente do conhecedor), potencialmente ele é real, isto é; os possíveis enquanto conhecidos existem na mente do conhecedor, mas o verdadeiro sentido de sua possibilidade é que eles são cápazes de existir fora da mente. Então a razão última dos possíveis não está na nossa concepção. Pelo contrário, somos aptos a concebê-los porque eles são possíveis, porque eles podem ter existência real. Assim, não podemos pensar num círculo quadrado porque ele não é possível. Portanto a possibilidade dos seres provém de algo que é independente do nosso pensamento.

Há dois filósofos que erraram neste ponto. O primeiro foi Guilherme de Occam. Afirmava ele que o ser possível depende do poder de Deus, ou seja, possíveis são as coisas que Deus pode fazer existir atualmente. Isto é um erro, porque se os possíveis dependessem do poder de Deus, diríamos que as coisas impossíveis o

são porque Deus não tem poder para fazê-las, o que destruiria a noção de onipotência- Se Deus não faz um círculo quadrado, não é por uma limitação do seu poder, é por outra razão. Vê-se aí que Occam não distinguia impossibilidade intrínseca e extrínseca. A impossibilidade de fazer um círculo quadrado é intrínseca. É falso que Deus não seja causa suficiente para fazê-lo.

Descartes dizia que os possíveis dependiam da livre vontade de Deus, isto é, a vontade de Deus agindo de forma absolutamente livre criou os possíveis que Ele quis que existissem. Assim, a soma dos ângulos internos de um triângulo seria de 180 graus porque Ele quis. Se Deus tivesse querido que esta soma fosse de 500 graus, seria. Se fosse assim, todo o conhecimento seria hipotético. Na hipótese de que Deus fez desta forma, é assim, mas não haveria razão objetiva mais profunda para as coisas serem como são. Elas poderiam ser completamente diferentes. Isto é falso, porque sempre a compreensão antecede a volição, ou seja, a divina vontade só atua à luz da divina sabedoria, do mesmo modo que a vontade humana age à luz da razão. Para serem queridos por Deus, os possíveis deveriam ser conhecidos por Ele. Neste sentido a razão dos possíveis estaria mais na inteligência divina que na sua vontade.

Como os seres possíveis só podem ter existência ideal , eles teriam essa existência ideal, primeiro e necessariamente, na mente divina. Eles foram formalmente constituídos como possíveis na mente de Deus.

Porém o conhecimento nunca é em si mesmo a última coisa A mente pressupõe um objeto, não a sua criação. Para compreendermos isto podemos fazer uma relação com o conhecimento humano dos universais. Para conhecermos os universais, não é necessário que eles existam enquanto tais. É suficiente que haja um fundamento para eles nas coisas concretas. Da mesma forma, para que existam os possíveis, é suficiente que haja um fundamento para eles. Este fundamento é o objeto do divino conhecimento.

O fundamento do nosso conhecimento dos universais é o fato de que há no objeto. concreto uma essência capaz de se multiplicar em vários indivíduos, e nós podemos abstrair e pensá-la como capaz desta reprodução. Então, o universal é formalmente constituído por ser conhecido. De modo semelhante, Deus, ao conhecer que sua essência é imitável em seres finitos, constitui formalmente os possíveis.

A última razão da possibilidade das coisas tem que ser vista naquilo que é necessariamente o objeto do divino conhecimento, isto é, a própria essência divina. Portanto, a divina essência tem que ser a última razão e fundamento dos possíveis. Deus, conhecendo sua própria essêncía perfeitamente, sabe que alguma coisa de seus divinos atributos pode ser imitada de modo finito por seres criados, e então Ele cria alguns dos seres possíveis. O fundamento último dos seres possíveis é então a própria essência divina que age como um protótipo da criação. Isto não significa que os possíveis existam enquanto tais na divina essência, mas que, se algo fora de Deus é possível, é porque Ele pode fazer imitar, de modo finito, algumas de suas infinitas perfeições.

Deus não criou todos os possíveis, mas todo o ser criado reflete algo da natureza divina, compreendido por Deus e criado segundo este protótipo, por um ato da divina vontade, que age então como causa extrínseca. Daí se deduz que tudo quanto existe é inteligível, porque tudo foi compreendido por Deus e criado à imitação de algo que ele compreendeu. Então, tudo que é inteligível é possível; o ininteligível é impossível, não pode ser real. Tudo o que existe é profundamente sábio e só o que é sábio pode existir.

O teste para ver se algo é possível é a inteligibilidade, não a nossa inteligibilidade limitada, mas a absoluta, a divina. Se algo for compreensível, é possível... Daí a razão de se dizer que um ser é intrinsecamente impossível quando os elementos constituintes de sua essência se repelem mutuamente, porque se isto ocorre eles estão contrariando algo objetivo que é a essência de Deus, que nesse ser não pode ser refletida, e portanto ele não pode existir.

O inimaginável não é teste de impossibilidade. O inimaginável é aquilo que é muito difícil de se conceber. Também o impensável, que significa apenas improvável, não pode ser considerado um teste de impossibilidade.

O nosso conhecimento dos possíveis vem da análise da realidade. Porque não podemos conhecer a fonte original dos seres possíveis, que é a própria natureza divina, nós os conhecemos indiretamente através da natureza que Ele criou. O homem vê um pássaro voando. Ele compreende que o pássaro é mais pesado que o ar. Ele fica com a idéia de voar, e assim concebe uma máquina, que é um ser possível, que lhe permita voar. Se algo repugna à natureza, repugna também à natureza divina, porque a natureza reflete a essência divina.

3) Tipos de possibilidade

a) Possibilidade física: existe quando algo pode ser produzido por um agente, atuando de acordo com seus poderes naturais, no curso regular da natureza.

b) Possibilidade moral: se refere somente aos seres livres. Possível moralmente é o que pode ser feito devidamente, sem inconveniência e sem dano para o que é racional. Quando uma coisa, se feita, vai contra a razão, ou é inconveniente, ou é indevida, há uma impossibilidade moral de fazê-la.

c) Objetiva: é a capacidade de um ser não existente passar a existir. Aquilo que Deus concebeu, ser criado, ou aquilo que o homem pensou ser produzido.

d) Subjetiva (potência): é a capacidade de um ser existente receber algum novo modo de ser, ou redeber poder para alguma nova atividade. É a potência no sentido aristotélico. O nome subjetivo explica-se porque esta possibilidade se refere sempre a um sujeito.

A possibilidade subjetiva, ou potência, pode ser passiva ou ativa. É passiva quando o ser pode receber uma qualidade, ou perder alguma perfeição possuída. Ativa é quando o ser tem capacidade de exercer alguma nova atividade. Deus não tem nenhuma potência passiva, mas tem toda a potência ativa.

O princípio de ação próximo é a potência ativa ou poder. O princípio de ação remoto é a natureza. Por exemplo, um homem tem

capacidade de levantar uma folha de papel, esse poder de imediato é dado pela sua potência ativa, mas isso provém remotamente da natureza humana.

Há três tipos ainda de potência: natural, sobrenatural e preternatural. Potência natural é aquela que é apropriada à natureza de um ser. Por exemplo, um cachorro tem potência ativa de ladrar, de farejar, tem potência passiva de envelhecer. Estas potências naturais correspondem a atos de que o ser é capaz.

Potência sobrenatural existe quando o ato ou perfeição não corresponde à natureza do ser, mas é dado por Deus que torna o ser capaz de receber uma qualidade acima de sua natureza, ou capaz de produzir ações que sua natureza de si não produziria. Exemplo é a graça que nos permite um estado de perfeição que nós naturalmente não podemos ter, que é a vida santificante da alma, a união com Deus, e nos torna capazes de produzir atos de valor sobrenatural.

Potência preternatural é aquela que não corresponde a uma natureza, mas que dada ao ser não o eleva acima de sua própria natureza. Por exemplo, se um homem é imortal, ele não tem nada que esteja acima de sua própria natureza. É próprio à natureza humana viver. Apenas a imortalidade é uma perfeição maior que aquela que a natureza humana lhe concede. É um dom preternatural, não sobrenatural. Um pássaro naturalmente voa. Se Deus lhe concedesse uma capacidade de vôo que suplantasse muito o normal, em velocidade, em duração, seria um dom preternatural para o pássaro. A mula de Balaão, que falava, tinha um dom sobrenatural, porque falar está acima da natureza animal. A palavra preternatural é normalmente ligada ao demônio, mas é um abuso de linguagem usá-la exclusivamente neste sentido. Muitas coisas que os anjos, ou mesmo Deus, fazem são preternaturais. Esta palavra designa apenas aquilo que torna mais perfeita a capacidade natural de um ser, que aperfeiçoa sem elevar. Como o demônio é incapaz de nos dar qualquer poder sobrenatural e só pode dar coisas preternaturais, ligou-se a palavra preternatural ao diabólico.

O correlativo da possibilidade é a atualidade, o correlativo da potência é o ato. A atualidade é a realização de uma possibilidade assim como o ato é a realização de uma potência. O ato é perfeição porque contribui para a complementação de um ser, preenchendo suas possibilidades.

4) Ato e potência

Nossa experiência nos faz ver uma pluralidade nos seres, e também que estes seres mudam. Entretanto a razão ensina algo que parece contrariar estes dados da experiência: é o princípio da identidade do ser, ser é aquilo que é, o que existe. Mas então como explicar que os seres mudem, que neles possam aparecer novas qualidades, de onde provém estas novas qualidades? Se já estavam no ser não houve mudança. Se são realmente novas, como surgiram? Como passaram a ser? A mudança é um problema para a inteligência, problema que levantou enormes discussões em toda a Grácia antiga. Os gregos se dividiram em duas correntes, uma que salientava os dados da razão e outra que se apoiava na experiência. Parmênides e os eleáti-

cos são os grandes representantes da primeira facção, enquanto Heráclito representa a segunda.

Para Parmênides o que os olhos nos mostram (que há muitas coisas e que elas mudam) é uma ilusão. Ele argumentava dizendo: se os seres fossem vários eles seriam distintos ou pelo ser ou pelo não-ser. Ora, pelo ser elas não se distinguem, pois todas as coisas são. Também pelo não ser não podem se distinguir, porque o não-ser não existe. Logo o ser é um só. Assim todas as coisas formariam um só ser divino. Esta concepção é chamada monismo do ser. Este ser também não mudaria porque, se um ser mudasse, a mudança proviria ou do ser ou do não-ser. Do ser, não pode provir nenhuma mudança porque tanto antes como depois da mudança o ser é ser, e portanto, não muda. O não-ser não pode trazer mudanças, já que o não-ser não existe. Logo o ser não muda. As coisas são sempre as mesmas e não há nenhuma transformação. Isto contraria a experiência que mostra que as coisas mudam.

Zenon, discípulo de Parmênides, criou então alguns célebres argumentos contra a possibilidade do movimento: " se Aquiles corre atrás de uma tartaruga o espaço que o separa da tartaruga pode ser infinitamente dividido. Ora, o infinito não pode ser atravessado. Logo, Aquiles nunca alcançará a tartaruga. O sofisma estava em dividir o espaço infinitamente e em seguida supor que ele se tornou infinito por isso. Aquiles não atravessou o infinito, mas um espaço finito, dividido em infinitésimos. A divisão era infinita e não o espaço. O espaço continuava finito, apesar da divisão infinita, e por isso Aquiles pegava a tartaruga.

Para Heráclito, só havia a mudança. Assim, dizia, ele, ninguém pode se banhar duas vezes no mesmo rio, porque ele está sempre mudando. Se um homem tomando um ser qualquer diz: isto é tal coisa, errou, porque ao terminar a frase aquele ser já é outra coisa. Note-se que esta é a tese do marxismo moderno. Deste modo os seres estão em tão constante evolução que é impossível afirmar que uam coisa é. Elas estão sempre vindo a ser. Heráclito ainda admitia um sujeito de mudança: o fogo. Mais recentemente, Bergson declarou que não havia nenhum sujeito de mudança. A única realidade seria a própria mudança: o vir a ser.

Quem resolveu esse problema foi Aristóteles, mostrando que todo o problema de Parmênides era colocar o ser e o não ser como termos opostos e não admitir que houvesse um intermediário que é o ser possível, a potência. A potência é uma capacidade de ser . Comparada com o nada ela é ser, mas comparada com o ato é não-ser. Ela é exatamente um termo médio. É essa potência que permite explicar todas as mudanças.

Aristóteles não estava violando o princípio da exclusão do médio (vide cap. I); o que ele dizia é que todas as coisas são formadas de ser atual e de possibilidade de ser. A potência sozinha não existe, porque a potência não é um ser completo, mas um princípio de ser. Potência sozinha, como termo médio isolado, não existe. Existe ser. Não ser não existe. Entre os dois não há termo médio nenhum. Mas, no ser concreto, existe a possibilidade de ser, a potência.

Aristóteles dizia, então, que todo o ser é composto de dois princípios de ser complementares, que são as qualidades que o ser possui e a potência de receber novas qualidades. A potência não existe de per si: ela só pode existir no ser. Parmênides excluia esta possibilidade, negando então todas as mudanças ao afirmar que existe apenas o atual.

Um ser muda quando tendo uma potência ela se atualiza. Potência, como dissemos, é a capacidade de receber uma qualidade ou uma capacidade de atuação. Se o ser passa a ter aquela qualidade ou capacidade nova, então realizou a potência e adquiriu aquela perfeição em ato. Portanto, o ato significa sempre uma perfeição, a recepção de um valor, enquanto a potência é sempre uma imperfeição. À passagem de potência para ato damos o nome de movimento.

No movimento devem se distinguir quatro elementos: 1º) um sujeito de mudança; 2º) um ponto de partida, chamado terminus a quo ; 3º) um ponto de chegada, é o terminus ad quem; 4º) a própria mudança . Na criação não há movimento, nesse sentido, porque falta o terminua a quo: a criação é a partir do nada. Também se fosse possível fazer um aniquilamento, reduzir algo a nada, não seria mudança porque faltaria o terminus ad quem . A mudança exige sempre estes quatro elementos.

5) Tipos de mudança

Aristóteles distingue quatro tipos de mudanças, as três primeiras acidentais e a última substancial.

Mudanças acidentais: a) Mudanças de posição;
b) Mudanças de quantidade;
c) Mudanças de qualidade

Mudanças substanciais: d) é o que se dá, por exemplo, na queima de uma madeira. Após a queima, a madeira se transforma em cinza. Isto não é uma mudança acidental. Havia um ens de per se (a madeira) que se transforma em outro ens de per se (cinza). É a substância que foi alterada.

Também a mudança de bronze para estátua é substancial, não no sentido material, porque o bronze enquanto substância permanece na estátua; mas enquanto objeto formal há uma mudança.

6) Princípios relativos a ato e potência:

McCormick dá cinco princípios relativos a ato e potência que são interessantes:

1º) Toda potência tem um ato correspondente.

2º) Potência e ato são contrários.

3º) Nada pode estar em potência e ato, ao mesmo tempo, para a mesma qualidade.

4º) O ser é perfeito na medida em que é ato. Porque toda a potência é uma imperfeição, o ser perfeito tem que ser ato puro.

5º) O fim da potência é o ato, isto é, a potência existe para ser atualizada.

O Manual de Filosofia Tomista de Enrique Collin dá vários outros princípios de uma forma esquemática. Não citaremos alguns que se referem aos anjos e que são difíceis de explicar neste início de estudo de metafísica.

1º) Se compararmos a perfeição do ato com a potência:

a) A potência é relativa ao ato.

b) O ato é mais perfeito do que a potência no mesmo gê-

nero. Mas, em gêneros diferentes, a potência concreta pode ser mais perfeita que o ato que a realiza. Por exemplo, um homem, como substância, tem capacidade para receber diversos acidentes, por exemplo, um corte na testa. O homem, enquanto substância, tem capacidade para receber esta qualidade acidental que é o ato. Mas este ato é menos importante que a substância humana enquanto potência, porque se está comparando uma substância como potência e um acidente como ato. São gêneros diferentes. Aí a potência pode ser superior ao ato. No mesmo gênero, a potência é sempre inferior ao ato.

c) O ato em si é sempre anterior à potência. No mesmo sujeito, a potência é sempre anterior ao ao ato. No princípio de tudo tem que haver um ato, porque se o princípio de tudo fosse uma potência nada existiria. Antes de tudo houve o ato, Deus.

2º) Da união da potência com o ato nos seres finitos

a) O ato é sempre determinante, a potência é sempre determinável. O ato sempre determina a qualidade. Uma parede tem potência para todas as cores, mas quando se coloca uma côr, a potência se determina pelo ato.

b) A potência é limitada por si mesma. Assim, a capacidade de um copo é definida pela capacidade do copo. O ato é limitado pela potência: o quanto cabe de água num copo, depende da potência do copo. A potência também multiplica o ato (vide cap. II)

c) A potência pura não existe. Se existisse, ela teria um ato, a existência, e não seria já pura potência.

d) Se o ato existe sem ser recebido por potência, ele é puro e infinito em sua ordem. Em Deus, o ato existe sem ser recebido por potência. Logo, ele é puro e infinito. São Tomás diz: se tomarmos a brancura em si mesma, ela de si é perfeita porque não tem limitação de branco. Portanto, ela é infinita em seu gênero. A mesma coisa acontece com as formas substanciais angélicas, na ordem de essencia.

3º) Do movimento

a) A mudança é a passagem de potência para ato. a. Tudo o que muda tem necessariamente potência e ato; b. Nada pode estar em potência e ato, ao mesmo tempo, para a mesma qualidade; c. Um sujeito em potência, de per si não passa para ato. Ele não é capaz de per si receber aquela qualidade que ele tem em potência, porque se ele a tem em potência, ele não a possui, e portanto precisa recebê-la de outro ser que tenha esta qualidade em ato; d. Tudo o que se move é portanto movido ; e. Só age como poder ativo quem está em ato. Quem tem um ato pode transmitir de maneira ativa esta qualidade para outro.

NOTA EXPLICATIVA: Esta apostila é um resumo da obra citada, muito embora não siga rigorosamente a divisão de capítulos ali empregada. Para o seu correto entendimento é indispensável a leitura prévia dos capítulos anteriores, onde se explicam muitas das noções aqui utilizadas.